

**MORRA
SEM
NADA**

**APROVEITE AO MÁXIMO
SUA VIDA E SEU DINHEIRO**

BILL PERKINS

MORRA SEM NADA

APROVEITE AO MÁXIMO
SUA VIDA E SEU DINHEIRO

BILL PERKINS

Tradução:
Antenor Savoldi Jr.



Copyright © William O. Perkins III, 2020
Copyright dos gráficos © Charles Denniston, 2020
Copyright da tradução © Editora Intrínseca Ltda, 2024
Publicado mediante acordo com Mariners Books, um selo HarperCollins Publishers.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Die With Zero: Getting All You Can From Your Money and Your Life

PREPARAÇÃO

Leandro Kovacs

REVISÃO

Ana Grillo

Isabella Pacheco

Ilana Goldfeld

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Chrissy Kurpeski

DIAGRAMAÇÃO

Tanara Vieira

DESIGN DE CAPA

Alex Camlin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P526m

Perkins, Bill, 1969-

Morra sem nada : aproveite ao máximo sua vida e seu dinheiro / Bill Perkins ;
tradução Antenor Savoldi Jr. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.
206 p. ; 21 cm.

Tradução de: Die with zero
ISBN 978-85-510-1062-4

1. Finanças pessoais - Aspectos psicológicos. 2. Aposentadoria - Planejamento.
3. Autorrealização. 4. Conduta. 5. Felicidade. I. Savoldi Jr., Antenor. II. Título.

24-87997

CDD: 332.024

CDU: 330.567.22



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Skye e Brisa,
Que a vida de vocês seja a mais plena possível,
cheia de aventura e amor*

Sumário

- Nota do autor 9
- 1 Otimize sua vida 11
 - 2 Invista em experiências 27
 - 3 Por que morrer sem nada? 43
 - 4 Como gastar seu dinheiro
(sem chegar de fato a zero antes de morrer) 63
 - 5 E quanto aos filhos? 77
 - 6 Equilibre sua vida 101
 - 7 Comece a organizar o tempo em sua vida 129
 - 8 Saiba reconhecer seu ápice 141
 - 9 Seja ousado, mas não tolo 167
- Conclusão: uma tarefa impossível,
uma meta que vale a pena 179
- Agradecimentos 181
- Notas 185
- Créditos das imagens 195
- Índice remissivo 197

Nota do autor

Talvez você já tenha ouvido a clássica fábula de Esopo sobre a formiga e a cigarra: a dedicada formiga trabalhou durante todo o verão armazenando comida para o inverno, enquanto a despreocupada cigarra se distraiu e brincou. Assim, quando chegou o inverno, a formiga conseguiu sobreviver, enquanto a cigarra ficou em apuros. A moral da fábula? Há momentos para trabalhar e momentos para brincar.

Grande lição. *Mas quando é que a formiga pode brincar?*

Eis o tema deste livro. Sabemos o que acontece com a cigarra — ela morre de fome —, mas qual é o destino da formiga? Isto é, se a formiga passa sua curta vida trabalhando sem parar, quando é que ela consegue se divertir? Todos nós temos que sobreviver, mas todos queremos fazer muito mais do que isso: queremos *viver de verdade*.

É nisto que me concentro neste livro: não apenas em sobreviver, mas em prosperar. Este livro *não é* sobre fazer seu dinheiro crescer: é sobre como aproveitar melhor sua *vida*.

Venho pensando nessas ideias há anos, discutindo-as com amigos e colegas, e agora quero trazê-las para você. Não tenho todas as respostas, mas tenho algo que sei que vai tornar sua vida mais rica.

Não sou planejador financeiro profissional nem consultor de investimentos familiares. Sou apenas alguém que quer viver a vida ao máximo, e desejo o mesmo para você.

Acredito que todo mundo quer viver esse tipo de vida — mas, sendo realista, nem todos conseguem alcançá-la. E já adianto: se você está tendo dificuldades para dar conta do mínimo, ainda assim poderá extrair algo deste livro, mas não tanto quanto alguém com dinheiro, saúde e tempo livre suficiente para fazer escolhas visando aproveitar ao máximo esses recursos.

Então, boa leitura. Espero ao menos ser capaz de fazer você refletir e repensar alguns de seus pressupostos básicos a respeito da vida.

Bill Perkins
Verão de 2019

1

OTIMIZE SUA VIDA

Regra número 1:

Maximize suas experiências positivas

Em outubro de 2008, Erin e seu marido, John, advogados de sucesso em Iowa com três filhos pequenos, receberam a notícia de que John tinha sarcoma de células claras, um câncer raro e de crescimento acelerado dos tecidos moles do corpo. “Ninguém pensava que um homem saudável de 35 anos teria um tumor do tamanho de uma bola de beisebol”, relembra Erin. Portanto, ninguém suspeitou de câncer até que o tumor se espalhou para as costas e os ossos da perna de John. “Não entendíamos a gravidade da situação, até que ele fez um raio X e o corpo dele brilhou feito uma árvore de Natal”, diz Erin, que ficou atônita e aterrorizada com o diagnóstico. John estava doente demais para trabalhar, então todo o fardo físico e financeiro de cuidar da família recaiu sobre ela. Era muita coisa para uma única pessoa suportar.

Eu era amigo de Erin desde a infância, e queria fazer tudo ao meu alcance para tornar sua situação menos terrível. “Pare com tudo, Erin”,

eu disse a ela. “Passe esse tempo com a sua família enquanto John ainda pode.” Também me ofereci para ajudar com os custos.

Mas meu palpite se mostrou óbvio e atrasado: Erin já estava pensando em largar o emprego para se concentrar no que importava de verdade. E foi o que ela fez. Então, entre as sessões de tratamento de John, o casal aproveitava os simples prazeres da companhia um do outro: iam ao parque, assistiam a filmes, jogavam videogame e buscavam juntos os filhos na escola.

Em novembro, quando os médicos da região haviam feito tudo o que podiam, sem sucesso, Erin ouviu falar de um ensaio clínico em Boston. Ela e John fizeram várias viagens para se submeter ao tratamento experimental e, durante o tempo livre, aproveitaram para fazer alguns dos passeios históricos pela cidade, enquanto John ainda podia andar. Em pouco tempo, porém, a esperança foi desaparecendo, e um dia John desabou ao pensar em tudo o que perderia, desde ver seus filhos crescerem até passar os anos com Erin.

John morreu em janeiro de 2009, apenas três meses após o diagnóstico. Ao recordar aquele período, Erin lembra do trauma e da devastação, mas se sente feliz por ter deixado o emprego para ficar em casa com John.

A maioria das pessoas teria feito o mesmo nessas circunstâncias. A possibilidade da morte faz as pessoas acordarem e, quanto mais perto ela chega, mais despertos e conscientes nos tornamos. Quando o fim está próximo, de repente começamos a pensar: *O que estou fazendo? Por que esperei tanto?* Mas, até então, a maioria de nós passa pela vida como se tivesse todo o tempo do mundo.

Parte desse comportamento é racional. Seria tolice viver cada dia como se fosse o último: você não faria questão de trabalhar, estudar para uma prova ou ir ao dentista. Portanto, faz sentido adiar a gratificação até certo ponto, porque isso compensa a longo prazo. Mas a triste verdade é que muitas pessoas adiam a gratificação por muito tempo, ou mesmo indefinidamente. Elas adiam o que querem fazer até que seja tarde demais, economizando dinheiro para experiências de que nunca desfrutarão. Viver como se a vida fosse infinita é o oposto de ter uma visão de longo prazo: é uma atitude terrivelmente míope.

É claro que a história de Erin e John é um caso extremo. O sarcoma de células claras avançado é raro, e a morte se aproximou desse casal de forma muito mais intensa do que da maioria das pessoas. No entanto, o desafio que a situação deles representou é comum a todos: a saúde de todo mundo geralmente piora com o tempo e, mais cedo ou mais tarde, todos morreremos; portanto, a pergunta que não quer calar é: como podemos aproveitar ao máximo nosso tempo finito aqui na Terra?

Falando assim parece uma questão filosófica elevada, não é? Mas não é assim que eu vejo. Sou engenheiro e construí todo o meu patrimônio usando minhas habilidades analíticas; desse modo, para mim a questão é um problema de otimização: como maximizar a satisfação e minimizar o desperdício.

Um problema de todos

Todos enfrentamos alguma versão dessa questão. É claro que os valores em dinheiro diferem de pessoa para pessoa, muitas vezes de forma drástica, mas a questão central é a mesma para todos: qual é a melhor maneira de despendar nossa energia vital antes de morreremos?

Tenho pensado nisso por muitos anos, desde quando mal ganhava o suficiente para viver e, com o tempo, desenvolvi vários princípios orientadores que fazem sentido para mim. Eles são as ideias por trás deste livro. Por exemplo, algumas experiências podem ser aproveitadas apenas em determinados momentos: a maioria das pessoas não pode praticar esqui aquático aos 90 anos. Outro princípio: embora todos nós tenhamos pelo menos o potencial de ganhar mais dinheiro no futuro, nunca podemos voltar e recuperar o tempo que já se foi. Portanto, não faz sentido deixar passar oportunidades por medo de desperdiçar dinheiro. Desperdiçar nossas vidas deveria ser uma preocupação muito maior.

Acredito muito nessas ideias e as defendo sempre que tenho a chance. Seja uma jovem de 25 anos com medo de ir atrás da carreira dos seus sonhos e que, em vez disso, decide se contentar com

um emprego seguro, mas deprimente; ou um multimilionário de 60 anos que continua trabalhando horas a mais para economizar mais dinheiro para a aposentadoria, em vez de aproveitar a grande riqueza que já acumulou, odeio ver as pessoas desperdiçando seus recursos e adiando viver a vida de forma plena — e digo isso a elas. Tanto quanto posso, também pratico o que prego. É verdade que às vezes pareço um treinador de futebol à beira do campo, incapaz de seguir meus próprios conselhos. Mas sempre que me flagro assim, busco me corrigir, e você conhecerá algumas dessas histórias mais adiante neste livro. Ninguém é perfeito, mas faço o possível para seguir o que falo.

Somos todos iguais, somos todos diferentes

Há muitas formas de viver a vida ao máximo. Por exemplo, adoro viajar e adoro pôquer, então faço muitas viagens, algumas delas para jogar em torneios de pôquer. Isso significa que, todos os anos, gasto uma grande parte das minhas economias com viagens e pôquer. Mas não me interpretem mal: não defendo que todos gastem suas economias com viagens, muito menos com pôquer. O que defendo, sim, é decidir o que faz você feliz e depois direcionar seu dinheiro para realizar as experiências de seu agrado.

Naturalmente, essas experiências agradáveis variam de acordo com a pessoa. Algumas pessoas são ativas e aventureiras, outras preferem ficar perto de casa. Algumas têm grande satisfação em esbanjar consigo mesmas e com a família e os amigos, enquanto outras preferem gastar seu tempo e dinheiro com os menos afortunados em nossa sociedade. Podemos, é claro, desfrutar de um mix dessas experiências. Por mais que adore viajar, também gosto de gastar meu tempo e dinheiro promovendo causas que me interessam, desde protestar contra o resgate dos grandes bancos até buscar ajuda humanitária para as pessoas em situação vulnerável nas Ilhas Virgens Americanas. Portanto, é claro que não estou tentando dizer que um conjunto de experiências é melhor que outro, mas sim que devemos escolher nossas experiências de forma deliberada e com propósito, em vez de viver a vida no piloto automático, como é o caso de muita gente.

Também sei, é claro, que as coisas são mais complicadas do que simplesmente saber o que nos faz felizes e gastar nosso dinheiro nessas experiências sem restrições. Nossa capacidade de desfrutar de diferentes tipos de experiências muda ao longo da vida. Pense nisto: seus pais o levaram para a Itália quando você era criança, mas quanto dessas férias caras você levou consigo, além de, quem sabe, um amor vitalício por *gelato*? Consideremos o outro extremo: quanto você acha que vai gostar de subir as escadarias da Piazza di Spagna em Roma quando estiver na casa dos 90 anos (supondo que ainda esteja vivo e capaz de realizar tal feito)? Como disse o título¹ de uma matéria em um jornal de economia: “De que adianta riqueza sem saúde?”

Em outras palavras, para aproveitar ao máximo seu tempo e dinheiro, avaliar o momento é importante. Para aumentar a realização da vida como um todo, é importante que vivamos cada experiência na idade certa. E isso se aplica a todos, independentemente de gostos pessoais e quantidade de riqueza. Embora a magnitude da realização pessoal de cada um seja diferente — por exemplo, pessoas com relativamente pouco dinheiro extra para gastar tendem a ter níveis de realização mais baixos, enquanto as naturalmente felizes tendem a ter níveis de realização mais altos —, todos nós precisamos encontrar o momento adequado para nossas experiências. Maximizar sua realização a partir de experiências — planejando como gastará seu tempo e dinheiro para alcançar os níveis mais altos possíveis de satisfação com os recursos de que dispõe — é a forma de maximizar a vida. Ao assumir o controle dessas decisões cruciais, você assume as rédeas da sua trajetória.

O bilionário honorário

Alguns amigos me chamam de “bilionário honorário”, que significa exatamente o que você está pensando: não sou bilionário de verdade, mas gasto como se fosse.

No entanto, a realidade é que a maioria dos bilionários não vai gastar suas fortunas durante a vida. Há um limite para o quanto uma pessoa consegue gastar consigo mesma, mesmo tendo os gostos mais

luxuosos, então os ultrarricos tendem a doar muito dinheiro. Mesmo assim, coletivamente, as duas mil famílias mais ricas dos Estados Unidos (a maior parte delas já com membros de idade avançada) doam apenas 1% de sua riqueza total por ano, uma taxa incapaz de esgotar seus vastos recursos antes de morrer.² E não estou falando apenas dos ultrarricos do tipo mais pão-duro. As famílias mais ricas também incluem os filantropos mais generosos da atualidade — pessoas como Bill Gates, Warren Buffett e Michael Bloomberg, todos os quais prometeram doar suas fortunas. Só que mesmo esses doadores extraordinários têm dificuldade em gastar seus bilhões com rapidez suficiente, e em parte isso ocorre porque eles acumularam tanta riqueza que seu montante cresce mais rapidamente do que é possível doar de maneira ponderada e responsável. Gates, por exemplo, viu sua fortuna quase dobrar desde 2010 — mesmo enquanto se dedicava a combater doenças e a pobreza. Embora eu odeie implicar com alguém que promove tanto impacto positivo no mundo, fico me perguntando quanto mais seria possível realizar com a imensa fortuna de Gates se ele conseguisse fazer uso dela hoje mesmo.

Diferentemente de muitas pessoas, Gates ao menos teve a sabedoria de parar de trabalhar por dinheiro quando ainda era jovem o suficiente para começar a gastá-lo em grande estilo. E até mesmo ele deveria ter se aposentado do trabalho remunerado mais cedo, bem antes de acumular várias vezes o que poderia gastar em uma vida. A vida não é um jogo de *Space Invaders* — não ganhamos pontos por todo o dinheiro que acumulamos no jogo —, mas muitas pessoas a tratam como se fosse. Elas seguem acumulando mais e mais e mais sem pensar tanto em maximizar o que obtêm dessa riqueza — incluindo o que podem dar a seus filhos, amigos e à sociedade em geral no presente, em vez de esperar até a sua morte.

Uma conversa capaz de mudar a vida

A verdade é que eu nem sempre pensei dessa forma, e com certeza não pensava assim quando estava no meu primeiro emprego depois da faculdade. Na Universidade de Iowa, joguei futebol e me formei

em engenharia elétrica. Embora adorasse engenharia e já tivesse essa mentalidade de otimização, quando os recrutadores da área chegaram ao campus, simplesmente soube que não conseguiria seguir aquela carreira típica de engenharia. Trabalhando para uma empresa como a IBM, por exemplo, eu passaria anos em uma subseção de uma subseção de um chip para ter uma chance real de projetar algo. Não parecia emocionante. O cronograma rígido da graduação — com apenas algumas semanas de férias por ano — atrapalharia todas as outras coisas que eu queria fazer. Sem dúvida, eu era jovem e tinha ilusões de grandeza. Mas também tinha certeza de que havia algo muito melhor para mim fora daquilo.

O filme *Wall Street: poder e cobiça* foi lançado quando eu estava na faculdade. Hoje, a maioria das pessoas ri do roteiro: ridicularizamos Gordon Gekko, o personagem de cabelo lambido interpretado por Michael Douglas, que nos disse que “a ganância, na falta de uma palavra melhor, é algo bom”. Todos nós sabemos para onde esse tipo de capitalismo desenfreado levou os Estados Unidos. Mas, na época, o estilo de vida rico e despreocupado que o filme retratava me atraía de verdade. Senti que o setor financeiro me daria o tipo de liberdade que eu queria.

Então, aceitei um emprego no pregão da Bolsa Mercantil de Nova York. Meu título era “atendente”, ou seja, eu era assistente do assistente, e fazia coisas como contrabandear sanduíches para meus chefes que estavam lá no chão do pregão. Seria o equivalente da indústria financeira a trabalhar numa sala de correspondência em Hollywood.

Meu salário inicial naquele emprego começou em 16 mil dólares por ano — o que não era exatamente o suficiente para viver na cidade de Nova York, mesmo no início dos anos 1990 —, então voltei para a casa da minha mãe em Orange, Nova Jersey. Depois de ter sido promovido a “atendente chefe” e ter um aumento de dois mil dólares anuais, pude me mudar para o Upper West Side de Manhattan para dividir um apartamento. Meu colega de quarto e eu construímos uma parede improvisada que me deu um pseudoquarto do tamanho de um forno de pizza. Naquela época, eu tinha tão pouco dinheiro que, se não comprasse um passe mensal de

metrô, não conseguiria trabalhar, já que a tarifa da passagem diária ficava acima do orçamento. Quando levava uma garota ao cinema, suave frio se ela pedisse uma pipoca. De verdade.

Então comecei a dirigir a limusine do meu chefe à noite para ganhar um dinheiro extra e me tornei um cara supereconômico, tentando guardar o máximo que pudesse. O único sujeito mais pão-duro do que eu era meu amigo Tony, que surrupiava os grãos não estourados das tigelas de pipoca para reutilizá-los (depois de deixá-los na geladeira por um tempo, para recuperar a umidade).

Eu estava orgulhoso do meu estilo econômico espartano, muito satisfeito comigo mesmo por conseguir economizar dinheiro mesmo com uma renda tão baixa. Então, um dia, eu estava conversando com meu chefe, Joe Farrell, sócio da empresa para a qual eu trabalhava, e de alguma forma começamos a falar sobre as minhas economias. Eu disse a ele quanto havia economizado — acho que eram cerca de mil dólares na época — pensando que ele ficaria admirado com minhas habilidades de gerenciamento de dinheiro. Rapaz, eu estava errado! Esta foi sua chocante resposta:

“Você é idiota? Para que economizar esse dinheiro?”

Foi como um tapa na cara. Ele continuou. “Você veio aqui para ganhar *milhões*”, disse ele. “Sua capacidade de ganhar mais vai aparecer. Ou você acha que vai ficar ganhando 18 mil por ano pelo resto da vida?”

Ele estava certo. Eu não havia aceitado um emprego em Wall Street para ganhar tão pouco e era quase certo que ganharia mais nos próximos anos. Então, por que guardar aquela porcentagem aleatória da minha modesta renda para o futuro? Eu deveria aproveitar meus míseros mil dólares imediatamente!

Foi um momento de virada na minha vida — a conversa abriu minha cabeça para novas ideias sobre como equilibrar ganhos e gastos. Eu não sabia na época, mas o que Joe Farrell estava falando é, na verdade, uma ideia bastante antiga em finanças e contabilidade, chamada *suavização do consumo*. Nossas receitas podem variar de um mês ou de um ano para outro, mas isso não significa que nossos gastos devam refletir essas variações; seria melhor se nivelássemos essas variações. Para tanto, precisamos basicamente transferir dinheiro

dos momentos de abundância para os de escassez. Essa é uma das utilidades de uma conta poupança. Só que, naquele momento, eu estava usando minha conta poupança totalmente ao contrário: estava tirando dinheiro do meu eu jovem faminto para guardar para meu futuro eu mais rico! Não foi à toa que Joe me chamou de idiota.

Lendo isso hoje, você pode estar dizendo: Ok, a suavização do consumo faz sentido na teoria, mas como você poderia realmente ter certeza de que seria muito mais rico no futuro? Nem todo assistente se torna um trader de sucesso, assim como nem todo garoto em uma sala de correspondência de Hollywood se torna um magnata dos estúdios. É uma pergunta justa, e sou o primeiro a admitir que muitas coisas precisaram dar certo para que eu chegasse onde estou hoje. É claro que eu não poderia prever a magnitude da minha renda futura. Mas uma coisa é certa: eu estava correto em confiar na direção dos meus ganhos. Eu não sabia que ganharia milhões, mas com certeza sabia que ganharia mais que 18 mil dólares por ano. Na verdade, eu poderia ganhar mais até se tivesse virado garçom.

Seu dinheiro ou sua vida

Mais ou menos nessa época, eu me deparei com um livro importante e influente: *Seu dinheiro ou sua vida*, de Vicki Robins e Joe Dominguez. Aquele livro, que reli várias vezes desde então — e que hoje, cerca de 25 anos depois, é popular entre uma nova geração de leitores, muitos dos quais fazem parte do movimento FIRE (sigla do inglês para “independência financeira, aposentadoria cedo”) — transformou por completo minha compreensão sobre o valor do meu tempo e da minha vida: percebi que estava perdendo horas valiosas.

Como? O livro afirmava que nosso dinheiro representa energia vital. A *energia vital* corresponde a todas as horas que estamos vivos para realizar coisas — e sempre que trabalhamos, estamos gastando um pouco dessa energia vital finita. Portanto, qualquer quantia de dinheiro que tenhamos ganhado com nosso trabalho representa a quantidade de energia vital que gastamos para ganhá-lo. Essa verdade se mantém, não importando quanto ou quão pouco nosso traba-

lho pague. Portanto, mesmo que ganhemos X por hora, gastar esse X também significa gastarmos o equivalente a uma hora de nossa energia vital. Essa ideia simples teve um grande impacto em mim, batendo com muito mais força do que o velho clichê de que tempo é dinheiro. Comecei a pensar: *estou dando minha energia vital e recebendo papel em troca!* Foi como aquela cena final de *Matrix*, em que Neo anda por aí vendo o mundo como ele é. Me lembro de ficar exatamente assim depois de ler o livro: comecei a calcular as horas necessárias para comprar cada coisa. Eu via uma camisa bonita, fazia as contas mentais e pensava: “*Não, você não* pode me fazer trabalhar duas horas só para comprar essa camisa!”

Várias outras ideias desse livro seguem comigo, mas vou compartilhar apenas a mais relevante para as páginas que você está lendo agora: um salário mais alto nem sempre significa mais renda real por hora. Por exemplo, uma pessoa que ganha 40 mil dólares por ano pode, na verdade, ganhar mais por hora do que alguém que ganha 70 mil dólares por ano. Como isso é possível? Mais uma vez, tudo é questão de energia vital. Se o trabalho de 70 mil demanda mais em termos de energia vital — o tempo gasto em uma longa viagem até o local de trabalho, o custo dos tipos de roupas que você precisa para se apresentar lá e, claro, as horas extras que você precisa consumir no trabalho em si —, então a pessoa que ganha o salário mais alto geralmente sai mais pobre no final. Essa pessoa que supostamente ganha mais também tem menos tempo para aproveitar o dinheiro que está ganhando. Portanto, comparando funções, é realmente importante levar em consideração esses custos ocultos, embora essenciais.

No meu caso, consigo resumir tudo à lógica dos biscoitos. Para manter a cartilagem dos joelhos e por preocupação com a saúde de um modo geral, gosto de manter um certo peso na balança, então, quando olho para um biscoito, faço a conversão dele em tempo gasto na esteira. Às vezes, quando vejo um biscoito que parece bom, dou uma mordida para ver o sabor e me pergunto: *Comer esse biscoito vale uma hora a mais de caminhada na esteira?* A resposta nem sempre é não (embora geralmente seja), mas, de qualquer forma, nunca é uma decisão impensada. Esses tipos de cálculos — seja com dinheiro e tempo, ou comida e exercícios — nos ajudam a fazer escolhas mais

ponderadas, o que certamente resulta em opções melhores do que se agíssemos por impulso ou por hábito.

Não estou dizendo que todo trabalho — ou todos os treinos — são perda de tempo. É provável que você goste de certos aspectos do seu trabalho e, na verdade, pode até ficar feliz em fazer algumas partes dele mesmo que não estivesse sendo pago. Mas essa é a menor parte do trabalho da maioria das pessoas: se não tivéssemos que trabalhar para ganhar dinheiro, a maioria de nós encontraria formas mais agradáveis de usar o tempo.

Nos Estados Unidos, mais especificamente, estamos imersos em uma ética de trabalho antiquada, mas em muitas outras culturas as pessoas entendem que viver é muito mais do que trabalhar. Dá para ter uma noção disso pela quantidade de férias remuneradas que as pessoas tiram em muitos países europeus — seis semanas por ano, ou mais, em lugares como França e Alemanha! Na ilha de St. Barths, um dos meus lugares favoritos no planeta, o comércio todo fecha por duas horas no meio do dia para que todo mundo possa sair com os amigos e desfrutar de um bom e demorado almoço. Um equilíbrio entre vida profissional e pessoal muito melhor do que a maioria de nós está acostumada.

Sua vida é a soma de suas experiências

E isso também tem muito a ver com a ideia de *Seu dinheiro ou sua vida*. Acima de tudo, os autores nos incentivam a não sacrificar nossas vidas por dinheiro. Sua mensagem é: não se tornem escravos de empregos e posses. Mas como eles sugerem que alcancemos essa liberdade financeira? Através da frugalidade, ou seja, escolher viver com simplicidade para não *precisar* de muito dinheiro. Só que, para mim, essa *não foi* uma das grandes conclusões tiradas do livro, e também não é o que estou sugerindo que você faça.

Particularmente, acredito muito no valor das experiências. Muitas delas são gratuitas, outras são coisas que não precisam custar tão caro, mas, sim, é verdade que as mais relevantes em geral custam algum dinheiro. Uma viagem inesquecível, ingressos para shows, realizar

um empreendimento sonhado ou começar um novo hobby, tudo isso custa dinheiro e, às vezes, *muito* dinheiro. E, para mim, todo dinheiro investido em experiências é um dinheiro que vale a pena gastar. Muitos estudos mostraram que gastar dinheiro em experiências nos deixa mais felizes do que gastar dinheiro em *coisas*. Ao contrário das posses materiais, que parecem emocionantes no início, mas em geral se depreciam rapidamente, as experiências ganham mais valor com o tempo: elas pagam o que chamo de *dividendo de lembranças*, algo sobre o qual falarei muito mais no próximo capítulo. Viver com pouco, quando você tem condições de gastar mais, limita sua vida dessas experiências e torna seu mundo menor do que precisa ser.

Se a vida é, então, a soma de nossas experiências, como podemos maximizar o valor das experiências para tirar o maior proveito dela? Ou, como coloquei no início deste capítulo: qual é a melhor maneira de gastar sua energia vital antes de morrer?

Este livro é a minha resposta a essa pergunta.

Por que este livro?

Inicialmente, este livro seria um aplicativo. Eu sabia que deveria haver uma maneira ideal para gastar a energia vital, e que a maioria das pessoas estava fazendo isso de um jeito abaixo do ideal. Parte do motivo é a complexidade da matemática: como humanos, temos dificuldades em processar grandes quantidades de dados envolvendo múltiplas variáveis e, quando ficamos sobrecarregados, entramos no piloto automático, produzindo um resultado bem abaixo do ideal. Como os computadores são muito melhores nessa tarefa, pensei em criar um aplicativo que ajudasse as pessoas a otimizar suas vidas ou, pelo menos, a fazer essa matemática da forma mais parecida possível com a de um computador.

Alguns anos atrás, comecei a me consultar com um médico chamado Chris Renna. O dr. Renna é um desses especialistas que basicamente tentam fazer com que a gente viva para sempre, e sua clínica em Los Angeles, a LifeSpan, faz testes supercompletos para detectar problemas precocemente. Quanto mais cedo detectamos problemas mé-

dicos, maiores serão nossas chances não apenas de evitar problemas, mas também de ter uma vida mais saudável. Por exemplo, se alguma coisa em você está desregulada e você age de modo a não potencializar isso, vai ter uma qualidade de vida melhor. Desse modo, o dr. Renna estava me fazendo todos os tipos de perguntas para detectar esses pontos de atenção clínica com antecedência. Perguntas como “Você dorme no mínimo sete horas por noite?” “Como está sua vida sexual?” “Você tem algum problema para fazer xixi?” Todas as perguntas possíveis. E então, como parte da avaliação psicológica, ele fez uma pergunta sobre estresse financeiro: “Você tem medo de ficar sem dinheiro?”

Eu respondi: “Eu *espero* ficar sem dinheiro!”

Ele me olhou com perplexidade, então expliquei sobre o meu desejo de ter uma vida cheia de experiências, sobre como não vou poder usar meu dinheiro quando estiver morto ou velho demais e que, por isso, eu deveria tentar morrer sem nada.

Ele me disse que era a primeira vez que alguém respondia algo assim. Mesmo que seus pacientes fossem pessoas relativamente ricas, muitas ainda tinham medo de ficar sem dinheiro. Eu disse ao dr. Renna que estava trabalhando em um aplicativo para ajudar as pessoas com esse problema, e ele respondeu: “Não, Bill, você precisa escrever um livro. Você precisa colocar a boca no trombone e contar a coisa toda, explicar todos os seus conceitos, e não ficar restrito aos usuários de um aplicativo. E você tem que começar agora.” Ele até me apresentou a alguns *ghostwriters*!

Mas o livro que você está lendo agora não é exatamente o livro que o dr. Renna tinha em mente. Só que o que mais entusiasmava a ele — a novidade de explicar por que as pessoas deveriam morrer zeradas — também era o que afastava muita gente. Obviamente, pessoas ricas não são as únicas com medo de ficar sem dinheiro: esse medo foi descrito várias vezes por muitas pessoas que escutaram minhas ideias. E é por isso que abordarei esse tópico várias vezes ao longo do livro. Afinal, ninguém jamais vai tentar morrer sem nada se tiver medo de ficar zerado *antes* de morrer.

Porém, quero deixar claro que nem todos os medos financeiros são iguais. Os medos das pessoas com muitos recursos, por exemplo, são irracionais. Se elas se planejarem direito, não precisarão se preocupar

com a ideia de ficar sem dinheiro de forma alguma. E é para essas pessoas que escrevi este livro — pessoas que estão economizando demais, comprometendo sua qualidade de vida. Mas para milhões de norte-americanos e outros bilhões de pessoas em todo o planeta, o medo de ficar sem dinheiro é mais do que apenas um medo. As pessoas menos favorecidas, infelizmente, estão nesse barco: se você tem pouca ou nenhuma renda de sobra, então, por definição, você tem muito pouca escolha em como gastar seu dinheiro e, portanto, faz todo o sentido que se concentre em sobreviver. Pessoas com uma renda muito baixa simplesmente não podem se dar ao luxo de tentar encontrar o equilíbrio ideal entre trabalho e diversão, ou entre gastar agora e investir no futuro. Dentro das restrições de suas circunstâncias difíceis, provavelmente já estão fazendo tudo o que podem para tirar o máximo proveito de seu pouco dinheiro e de sua vida.

O medo de ficar sem dinheiro também faz sentido para quem gasta de forma irresponsável: essas pessoas de fato *estão* gastando demais muito cedo e, portanto, *devem* mesmo ter medo! Meu objetivo é colocar a fábula da formiga e a cigarra de cabeça para baixo e, com isso, mostrar às pessoas que adiar a gratificação ao extremo significa ficar sem gratificação alguma — mas também estou plenamente ciente de que, infelizmente, muitas pessoas se identificam muito com a cigarra.

Até certo ponto, este livro é para ambos os lados. Quer você seja um gastador profissional, sacrificando experiências futuras que você nem sabia que queria ter, ou um pão-duro contumaz, que ainda por cima trabalha fazendo algo de que não gosta só para ganhar dinheiro para experiências que nunca vai ter, você está vivendo abaixo do ideal. Dito isto, este livro trata muito mais de levar a formiga em direção à cigarra do que o contrário.

Existem muitas maneiras de estar abaixo do ideal e apenas uma de alcançar o perfeitamente ideal. Nenhum de nós jamais será perfeito, mas seguindo os princípios deste livro, você pode evitar os erros mais recorrentes e aproveitar melhor seu dinheiro e sua vida.

Como? Todos os seres vivos, incluindo os humanos, são unidades de processamento de energia.³ Processamos alimentos para fornecer energia a nossos corpos. O processamento de energia nos permite não apenas sobreviver na Terra, mas também viver uma vida

potencialmente gratificante: com essa energia, podemos nos mover pelo mundo. Movimento é vida e, à medida que nos movemos, recebemos respostas continuamente. Essas respostas nos proporcionam descobertas, maravilhamento, alegria, e todas as outras experiências possíveis ao longo dessa grande aventura chamada vida. Quando não somos mais capazes de processar energia, somos declarados mortos, e a aventura termina. Este livro, em última análise, é sobre como aproveitar ao máximo a sua aventura antes que ela chegue ao fim. Como a recompensa de processar a energia são as experiências que você escolhe, é lógico que a maneira de aproveitar ao máximo sua vida é maximizar o número dessas experiências, especialmente as positivas.

Mas é provável que isso faça o desafio da maximização parecer mais fácil do que realmente é. Para aproveitar ao máximo a vida, não podemos simplesmente começar a obter o máximo das experiências positivas disponíveis, basicamente porque a maioria das experiências custa dinheiro. (Para início de conversa, o alimento que nos dá energia vital certamente não é de graça.) Portanto, embora seja supereficiente converter toda a nossa energia vital diretamente em experiências, muitas vezes precisamos passar pela etapa intermediária de ganhar dinheiro. Em outras palavras, precisamos gastar pelo menos uma parte de nossa energia vital trabalhando — e depois usar o que recebemos para gastar em experiências.

Mas quando o objetivo é maximizar a satisfação ao longo de sua vida, não é nada óbvio quanto da nossa energia vital deve ser aplicada para ganhar dinheiro (e quando), e a quantidade dela a ser direcionada para as experiências. Por um lado, todo mundo é diferente em vários aspectos importantes e há muitas variáveis a serem consideradas, o que acaba tornando a coisa toda um problema complexo de otimização. Por isso um aplicativo seria útil, uma vez que pode incluir muitas variáveis e fazer os cálculos necessários para ajudá-lo a comparar diferentes caminhos de vida possíveis, mostrando qual caminho leva à maior satisfação. No entanto, nem um aplicativo é capaz de prover a otimização perfeita, porque mesmo o algoritmo mais sofisticado não consegue capturar totalmente a complexidade da vida humana. Além disso, os resultados de um aplicativo dependem dos dados fornecidos, que muitas vezes são também imprecisos.

A boa notícia é que, com ou sem o uso de um software, é possível pensar de forma inteligente sobre nossas decisões de ganhos e gastos. E embora eu não tenha, nem nunca vá ter, todas as respostas, confio nos princípios orientadores que mencionei no começo, e em vários outros. Cada capítulo deste livro explica um desses princípios, ou “regras”, que levam a decisões mais sábias sobre como alocar nossa preciosa energia vital. Eu e você jamais seremos perfeitos, mas, aplicando as regras que vou ensinar aqui, podemos seguir tentando nos aproximar desse ponto ideal.

Meu objetivo geral é fazer com que você pense sobre sua vida com mais propósito e determinação, em vez de simplesmente fazer as coisas seguindo o *status quo*. É claro que recomendo que você planeje seu futuro, mas nunca de maneira que se esqueça de aproveitar o presente. Entramos para dar uma volta na montanha-russa da vida apenas uma vez. Que tal começarmos a pensar em como fazer dela o passeio mais emocionante, estimulante e satisfatório possível?

Recomendação

Comece a pensar de forma ativa sobre as experiências de vida que gostaria de ter e o número de vezes que gostaria de tê-las. As experiências podem ser grandes ou pequenas, gratuitas ou caras, altruístas ou hedonistas. Mas pense no que você realmente quer da vida em termos de experiências significativas e memoráveis.

Com abordagem inovadora e provocativa, este guia prático ensina como aproveitar ao máximo o dinheiro em prol de experiências significativas

Imagine se, no momento da sua morte, você se desse conta de que sempre seguiu o senso comum: trabalhou duro e economizou bastante dinheiro, esperando ansiosamente pela sonhada liberdade financeira da aposentadoria. É um cenário bastante comum, afinal, quase todos crescemos ouvindo o sábio conselho da fábula de Esopo: não seja como a cigarra, que apenas brincava e aproveitava os dias, mas sim como a formiga, que trabalhava com assiduidade para reservar ganhos que aproveitaria no futuro. Mas e se essa lição não estiver tão certa?

Apesar de ser um bom poupador, talvez você não tenha percebido que, agindo assim, desperdiçou o bem mais precioso de todos: sua própria vida.

Em *Morra sem nada*, Bill Perkins, um dos gestores de fundos *hedge* mais bem-sucedidos do mundo, apresenta uma filosofia surpreendentemente provocativa, que fará você repensar não apenas seu plano de aposentadoria, mas também o verdadeiro valor do dinheiro e qual a relação que ele tem com a jornada da sua vida. Perkins oferece um novo viés sobre como, e quando, devemos transformar economias em experiências, o verdadeiro “capital” que deveria ser nosso propósito. Para isso, conduz o leitor por uma espécie de balanço pessoal, ajudando a entender que adiar indefinidamente sonhos e desejos vai de encontro com a lógica de uma vida feliz.

Valendo-se de sua vasta experiência com negócios e baseando-se em conceitos da psicologia financeira e comportamental, Perkins conta histórias inspiradoras e oferece insights reveladores sobre envelhecimento, dinheiro e sua relação com a felicidade. Subvertendo a lógica da fábula de Esopo, *Morra sem nada* explica por que usar nosso dinheiro em prol de experiências significativas faz tanto sentido diante de nosso tempo limitado na Terra.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/morra-sem-nada/>